

INSTITUTO FEDERAL GOIANO – CAMPUS HIDROLÂNDIA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA

PROPOSIÇÃO LITERÁRIA NOS ANOS INICIAIS (5º ANO): A viagem das
chuvas e outros contos (1972)

HIDROLÂNDIA - GO
2023

DILZA MARIA LOPES SOUZA

**PROPOSIÇÃO LITERÁRIA NOS ANOS INICIAIS (5º ANO): A viagem das
chuvas e outros contos (1972)**

Trabalho de curso apresentado ao curso de PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA do Instituto Federal Goiano – Campus Hidrolândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA, sob orientação do Prof. Paulo Alberto da Silva Sales.

**HIDROLÂNDIA - GO
2023**



TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

- Tese (doutorado) Artigo científico
 Dissertação (mestrado) Capítulo de livro
 Monografia (especialização) Livro
 TCC (graduação) Trabalho apresentado em evento

Produto técnico e educacional - Tipo:

Nome completo do autor:

Dilza Maria Lopes Souza

Matrícula:

2018211221351665

Título do trabalho:

PROPOSIÇÃO LITERÁRIA NOS ANOS INICIAIS (5º ANO): A viagem das chuvas e outros contos (1972)

RESTRICÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

Documento confidencial: Não Sim, justifique:

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: / /

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara:

- Que o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- Que obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autoria, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- Que cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Hidrolândia

Local

03 / 04 / 2023

Data

Dilza Maria Lopes Souza

Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Ciente e de acordo:

Assinatura do(a) orientador(a)

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano

Sj58p Souza, Dilza Maria
PROPOSIÇÃO LITERÁRIA NOS ANOS INICIAIS (5º ANO):
A viagem das chuvas e outros contos (1972) / Dilza
Maria Souza; orientador Paulo Alberto da Silva
Sales.; co-orientador Berto Rodrigo Marinho da Luz .
-- Hidrolândia, 2023.
18 p.

Dissertação (Mestrado em Pedagogia) -- Instituto
Federal Goiano, Campus Hidrolândia, 2023.

1. Educação . 2. Morro . I. da Silva Sales., Paulo
Alberto , orient. II. Marinho da Luz , Berto
Rodrigo, co-orient. III. Título.

Responsável: Johnathan Pereira Alves Diniz - Bibliotecário-Documentalista CRB-1 nº2376



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO -

INSTITUTO
FEDERAL
Goiano

Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância

Anexo II

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CURSO

Aos 12 dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e dois, às 20h, reuniu-se a banca examinadora composta pelos docentes: Paulo Alberto da Silva Sales (orientador), Marina Cardozo Mesquita (membro), Luciano Martins da Conceição (membro), para examinar o Trabalho de Curso intitulado "A efemeridade da vida em o "morro", de Jesus de Aquino Jayme: proposição de leitura literária em sala de aula", da estudante Dilza Maria Lopes de Souza, Matrícula nº 20182112213511665, do Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância. A palavra foi concedida à estudante para a apresentação oral do TC. Houve arguição da candidata pelos membros da banca examinadora. Após tal etapa, a banca examinadora decidiu pela APROVAÇÃO da estudante. Ao final da sessão pública de defesa foi lavrada a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Orientador/Presidente da Banca

Marina Cardozo Mesquita

Membro 1

Luciano Martins da Conceição

Membro 2

Dilza Maria Lopes Souza
Acadêmico

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. DESENVOLVIMENTO.....	6
2.1 Características do conto literário	6
2.2 Aplicação didática em sala de aula do conto Morro, de Jesus Jaime de Aquino. 7	
2.3 Biografia do autor Jesus de Aquino Jayme.....	8
2.4 O conto Morro pertencente a obra A Viagem das Chuvas e Outros Contos (1972)	8
3. CRONOGRAMA.....	16
4. CONCLUSÃO.....	17
5. REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS	18

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se da aplicação literária de um dos contos pertencentes ao livro *Viagem das Chuvas e Outros Contos (1972)*, chamado *Morro*, escrito por Jesus de Aquino Jayme. Portanto, uma das ideias iniciais da pesquisa, é a abordagem e aplicação de temas efêmeros com alunos pertencentes ao quinto ano do ensino fundamental, utilizando assim, mecanismos literários, pertencentes à obra citada anteriormente.

Propõe-se nos estudos uma sequência didática com base na obra "Letramento Literária" abordada por Cosson (2006), subdividida em duas diferentes formas, a sequência básica e a expandida, respectivamente.

A sequência básica constitui-se de quatro etapas, sendo denominadas de introdução (apresentação do autor, tal como a obra e a apresentação das especificidades da literatura goiana), motivação (preparar o educando para o recebimento do texto que irá tratar de assuntos efêmeros da vida), leitura (acompanhamento dado pelos intervalos, ou seja, o auxílio no processo de letramento e não no "policiamento" da leitura), interpretação (construção do sentido do texto por meio do diálogo que abrange o autor, leitor e comunidade) (CASSON, 2016).

Por outro lado, a sequência expandida abrange as etapas abordadas no parágrafo anterior e a ampliação dos processos ligados à interpretação. Em primeiro lugar, trata-se da exposição global da obra, objetivando captar as impressões individuais do aluno, tal como compreender a sensibilidade do leitor e realizar o aprofundamento da leitura por meio da contextualização da temática do livro (COSSON, 2006).

Ao decorrer do projeto, será trabalhado com discentes do 5º(quinto) dos anos iniciais, temas que abordam o processo final da vida de um ser vivo, em especial, de natureza humana, para isso, fazendo uso da sequência expandida (abordada anteriormente), vale ressaltar que será evidenciado as possibilidades de diálogo da obra literária em estudo. Ainda de acordo com Cosson (2006), é estabelecido relações do conto com a disciplina de Geografia, retratando com detalhes a cidade de Pirenópolis, município do estado de Goiás, de modo, que servirá de inspiração e curiosidade pelo o tema.

Ainda tratando do método didático para aplicação do tema de natureza humana, será realizado rodas de leitura e debate, que iram ser utilizados como ferramenta pedagógica para promover o diálogo sobre diversos assuntos, visto que estimulam os

alunos a compartilharem suas experiências (perca de um ente querido, tal como um animal de estimação), seus sentimentos e possíveis questionamentos, posteriormente, será entregue o conto xerocopiado aos discentes presente em sala de aula. É imprescindível mencionar, que será realizada uma leitura coletiva com a turma, de modo que cada aluno efetue a leitura de pequenas partes do texto, ao decorrer da troca de alunos será explicado aspectos do texto e abertos espaços para questionamentos.

Ao levar em consideração aspectos do conto, como também o tema trabalhado, a leitura também mostrará questões geográficas, pertencentes a cultura Goiana, haja visto que trata-se de uma propriedade rural, levando-nos a entender que é um local que possui grande biodiversidade, ou seja, elementos que retratam região do cerrado goiano.

Portanto, ao final da leitura, será proposto aos alunos uma produção textual, abordando o conteúdo trabalhado, tal como os personagens do conto e aspectos do lugar.

Com isso, o presente trabalho tem como objetivo ampliar o conhecimento dos alunos sobre o gênero, levando-os ao domínio pleno de sua estrutura, visando também ao desenvolvimento da capacidade crítica e criativa dos mesmos, aspecto imprescindível no processo de formação do indivíduo.

É importante mencionar, que a escolha do gênero e os posicionamentos teóricos adotados para abordá-lo em sala de aula têm como objetivo trazer novas perspectivas para o ensino da língua materna, conferindo novos sentidos ao ensino da leitura e escrita. Com isso, é abandonado a concepção da produção de redação “para a escola” e é acolhida a de produção de textos “na escola”, conforme já discutido por Geraldini (2002).

Portanto, pode-se afirmar que tais visões teóricas constituem-se de ferramentas importantes que auxiliam o professor na tarefa de observar a necessidade de aprendizagem dos alunos e propor-lhes alternativas eficazes e motivadoras de conhecimento.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Características do conto literário

De acordo com o Oxford Languages (2023) da língua portuguesa, o gênero literário denominado de “Conto”, é uma narrativa breve, escrita ou falada, com ação e poucos personagens. Segundo Anatol Rosenfeld (crítico literário), no Brasil, costuma-se caracterizar de conto todas as formas prosaicas curtas do gênero épico, sendo uma oposição à novela e ao romance - os quais, em inglês, são chamados de novella e novel, respectivamente. Ainda de acordo com Rosenfeld, em outros países o presente gênero literário pode corresponder a várias outras formas, segundo a distinção feita por alemães: a *Erzählung* (narrativa, tale em inglês), não dependente de um acontecimento central, ou seja, é uma forma mais livre e mais rica de fabulação e fantasia em relação a novela, possuindo menor densidade e rigor arquitetônico que as *short stories*, como as obras *As Mil e Uma Noites* e *Contos da Cantuária* de Geoffrey Chaucer, por exemplo.

É importante mencionar, que o conto surgiu a partir da tradição oral, período anterior à invenção da escrita. Posteriormente, esse gênero foi ganhando forma e características particulares, evidenciando a cultura e os valores de seus povos.

Com o apogeu da escrita, o ato de narrar acontecimentos evoluiu da oralidade para o registro escrito. Em meados do século XV, na Idade Moderna, o conto consolida-se como literatura.

Portanto, para o desenvolvimento da sequência didática, foi selecionado o gênero conto, pertencente ao “domínio” do narrar, caracterizado por apresentar gêneros pertencentes à cultura regional.

2.2 Aplicação didática em sala de aula do conto *Morro*, de Jesus Jaime de Aquino

Em primeiro lugar, foi realizado com os discentes a apresentação e esclarecimentos iniciais sobre a estrutura textual do conto, visando diagnosticar os seus conhecimentos prévios sobre o gênero, tal como introduzir as noções necessárias sobre a estrutura e os suportes onde estão inseridos socialmente. Posteriormente, a partir dos estudos introdutórios, é apresentado a turma o conto *Morro*, de Jesus Jaime de Aquino, oralmente e por escrito, propondo as seguintes atividades de leitura:

- a. Leitura dramatizada, feita pela professora;
- b. Contextualização do conto lido;

- c. Exploração da intertextualidade presente no conto como o espaço geográfico da cidade de Pirenópolis;
- d. Identificação dos elementos da narrativa;
- e. Reconhecimento da estrutura do conto;
- f. Discussão sobre a relação entre conto oral e escrito;
- g. Discussão sobre a linguagem usada no conto;

Por outro, para aplicação de tal tema, foram seguidas como orientação as habilidades da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), sendo elas:

- (EF04LP27) Identificar em textos dramáticos, marcadores das falas das personagens e da cena;
- (EF35LP29) Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas;
- (EF35LP30) Diferenciar discurso indireto e direto, determinando o efeito de sentido de verbos de enunciação e explicando o uso de variáveis linguísticas no discurso direto, quando for o caso;

A presente proposta didática sobre o gênero conto, consiste em oferecer oportunidades de leituras variadas aos alunos, a fim de desenvolver suas habilidades de compreensão e interpretação de textos, vale ressaltar também, que oportuniza aos educandos o acréscimo de novos conhecimentos, conseqüentemente permitindo aos mesmos amplo repertório de conhecimentos linguístico, enciclopédicos, de textos e intertextuais para serem utilizados em suas produções literárias.

Observa-se que o aluno já possui esses conhecimentos advindos de sua vivência em sociedade e da própria escolarização. Desse modo, é cabível ao regente propor atividades que estimulem os discentes a aplicarem os seus conhecimentos prévios, bem como oferecer-lhes um rico repertório de conhecimentos ainda não dominados por eles, de modo que sejam capazes de executar com êxito as atividades propostas.

2.3 Biografia do autor Jesus de Aquino Jayme

Jesus de Aquino Jayme é um escritor Goiano, nascido em 7 de setembro de 1927, no município de Pirenópolis, localizado no estado de Goiás. Fez seus primeiros estudos em sua cidade natal e na Cidade de Goiás, transferindo-se mais tarde para Goiânia, onde reside. Na universidade, bacharelou em Ciências Contábeis e em Direito, exercendo profissionalmente a carreira de Diretor Geral do Tribunal de Justiça, cargo do

qual se aposentou em 1998. É membro da União Brasileira de Escritores, Seção de Goiás, e tem obras inéditas e publicadas em diversos gêneros.

Dentre suas obras publicadas estão *O cometa de Halley* (1971), *A viagem das chuvas e outros contos* (1972), *Rei dos pampas* (1981), *Porto Seguro* (1988) e a *A fraude* (roteiro para cinema de média metragem).

O escritor estruturou suas obras, baseando-se nas memórias de sua infância, Jayme separou o que julgou válido e trouxe à tona o que suas lembranças guardaram ao longo dos anos, descartando o restante. Portanto, inspirando-se em seu mundo ficcional, retratou com muita sensibilidade os dramas e as alegrias próprias do mundo infantil, baseados em alumbramento e fantasia.

Vale ressaltar, que em suas obras é nítida a ambientação rural, presença abundante nas obras do autor. Com narrativas breves, de linguagem concisa e regional, ele ajuda a compor o ambiente, elegendo a perspectiva da criança, de modo a trazer para o leitor o sentimento de sensibilidade de suas histórias em textos únicos.

2.4 O conto *Morro* pertencente a obra *A Viagem das Chuvas e Outros Contos* (1972)

Baseando-se, portanto, na obra *A Viagem das Chuvas e outros contos*, de Jesus de Aquino Jayme, em especial, o conto *Morro*, é traçado a relação da palavra com a temática efêmera da mesma, dentro contexto apresentado pelo autor, ou seja, a espiritualidade. Pretende-se também, expor a ligação que existe entre pai e filho e suas comunicações psíquicas que são percebidas ao longo da narrativa.

Morro é um conto repleto de sensações vividas na infância, um universo imenso e ilusório. “Quem, como criança, não se lembra que o seu tempo era muito maior, que o mundo era muito maior, que as coisas aconteciam de ano em ano?”, afirma o escritor goiano Miguel Jorge, sobre o assunto no II Simpósio de Literatura Infanto-Juvenil da Faculdade de Letras da UFG (1990, p.31-32).

Um menino de fazenda, filho único de um homem muito doente, sem esperanças de cura e de uma mulher que tenta manter tudo funcionando onde moram, assumindo as obrigações do marido. “[...] Ela [...], vivia atarefada da vida, zanzando que dava o dia. Não parava de jeito nenhum. A toda hora conversava com os peões, dava ordens. Com o marido entevado, tomava conta dos negócios” (JAYME, 1999, p.79).

A rotina da família, mantida pela esposa, guarda algumas marcas do regionalismo, como o trato com os peões, a lida com a rotina da fazenda, etc. Percebe-se

que a linguagem utilizada é comum nas regiões interioranas do Brasil, utilizadas em diversas propriedades rurais do país.

A obra retrata a vida no campo, mostrando aspectos diferentes e um outro ponto de vista. Tal perspectiva permite ao leitor refletir sobre as minúcias do dia a dia, tais como o bando de urubus e sua organização interna citada pelo menino, por outro lado a doença do pai, que sugere sua relação com montarias, na qual tornou-se vítima de um acidente com cavalos, tais detalhes estão atreladas com da rotina de muitos lugares no Brasil, ou seja, da cultura popular.

Cultura popular implica nos modos de viver, por exemplo, a alimentação, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, sentar, andar, de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o modo de criar galinha e porco, de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir, chorar, de agredir e de consolar (BOSI, 1992, p. 324).

O “morro” descrito na obra simboliza a elevação em um sentido espiritual, de modo a metaforizar o contexto dos últimos dias de vida do pai, na perspectiva do menino. Com isso, o autor utiliza o verbo na primeira pessoa do singular, em uma alusão à nossa finitude humana, e a fragilidade do ciclo da vida. Toda esta relação que envolve este momento é vista e descrita pelo filho de cinco anos.

O pai vive a transposição da vida para a finitude, desse modo, ambos os personagens, por alguns instantes, caminham no morro para que o pai possa cumprir a promessa feita, ou seja, de um dia subir naquele lugar ao lado do filho. Nesse sentido, observa-se a sensibilidade do menino frente ao contexto de perda do pai, relacionando-se ao tema efêmero.

O morro ficava bem lá longe, do outro lado da vereda. Mas parecia tão fácil chegar pelo trilheiro que atravessava o pastinho dos bezerras. [...] Você poderá até achar que é muito difícil, você fica olhando de cá, pensando que é muito longe. Mas é porque você ainda é pequenininho (JAYME, 1999, p. 79-80).

Portanto, “Morro” (elevação) simboliza o encontro do céu e da terra, morada dos deuses e objetivo da ascensão humana. Chevalier e Gueerbrant (1999, p. 616), pontua “o encontro do céu e da terra, morada dos deuses e objetivo da ascensão humana. Vista

do alto, ela surge como a ponta de uma vertical, é o centro do mundo, vista de baixo, do horizonte, surge como a linha de uma vertical, o eixo do mundo, mas também a escada, a inclinação a se escalar”. Nessa perspectiva, percebe-se a reafirmação do autor em relação ao uso da palavra com sentido duplo, visto que expressa também a força e a dureza contida no contexto da obra.

O autor fala sobre a finitude e a fragilidade da vida humana, passando pela doença e as tentativas de recuperação, de maneira terna e branda, já que são contadas pela boca de uma criança. Para Schopenhauer (2011, p.23) “o óbito é o gênio inspirador, ou a musa da filosofia”. [...] “entre os homens surgiu, como a razão, por uma conexão necessária, a certeza terrível da finitude”. Vale ressaltar, que a finitude da vida humana é evidenciada ao decorrer da leitura, de modo que os personagens do conto não têm nomes definidos, sendo denominados de “o homem”, “o menino”, “a mãe”, etc, percebe-se uma forma do autor generalizar uma situação comum ao ser humano, ou seja, vivida em diversos lugares e contextos sociais.

A invocação do nome evoca o ser. [...] O nome de uma coisa é o som produzido pela ação das forças moventes que o constituem. Por isso, a pronúncia do nome, de uma certa maneira, é efetivamente, criadora ou apresentadora da coisa. Nome e forma (nama e rupa) são a essência e a substância da manifestação individual CHEVALIER E GUEERBRANT (1999, p. 640-641).

Em *Morro*, para o filho imaginar o pai de pé ou subindo o morro com ele, é a remissão de todos os momentos em que este ficava apenas deitado, sempre doente.

Por que será que o pai não caminhava como os outros homens, só ficando deitado na cama, naquela cama? [...] O papai nunca andou na vida dele? O menino quis saber, porque achava muito custoso que um homem nascesse só para ficar deitado numa cama, naquela cama (JAYME, 1999, p.79).

É imprescindível destacar que toda a rotina da família acontece dentro de um contexto rural, visto que eles moravam e viviam na fazenda. A doença do pai e suas incapacidades, sugere que ele trabalhava com montaria de animais, a frieza da mãe gerada pela necessidade de se fazer forte, até chegar aos sonhos e devaneios do menino. Uma família que vive os dissabores impostos pela vida, entretanto se cuidam e tentam superar as dificuldades unidos.

De acordo com Heidegger (1989, p. 174-178), o homem é um ser lançado no mundo. Nesse sentido, o mundo é um lugar que não acolhe o ser com compaixão e misericórdia, recebe o ser, entretanto não se preocupa com ele, ou seja, é indiferente sua

existência, não é amistosa, como pode ser verificado no drama familiar analisado. O pai depois de anos acamado sente que suas forças estão chegando ao fim, promete ao filho uma aventura, como um presente que ele dará, mesmo sendo em outro plano, o espiritual.

[...] o pai apontou e disse que naquele dia o morro estava lindo. [...] todos nós um dia iremos passear no morro, o pai falou. Uns mais cedo, outros mais tarde. Mas todos nós, sem faltar nenhum, um dia vamos passear no morro, terminou de falar, soltando um suspiro tremido (JAYME, 1999, p. 79).

Para o pai, como já mencionado anteriormente em diferentes palavras, o morro era uma metáfora relacionada a sua passagem para um mundo metafísico. A doença acometida pelo personagem, fez o mesmo sentir tristeza pela constatação do fim de sua vida, por outro lado, a beleza de sair da condição de dor, a qual estava submetido, desde o acidente em que se ferira.

O autor, ao decorrer da obra, evidencia a intensidade da relação entre pai e o filho, portanto, um sentimento tão forte que tem o poder de quebrar barreiras, inclusive, a espiritual. O ápice do conto mostra a transposição desse problema pelo pai, para cumprir a promessa feita ao filho, de levá-lo ao morro, a faz, mesmo num plano metafísico.

Sua proximidade ou distância está diretamente ligada à nossa completa ignorância de quando chegará para nós, sua beleza, mesmo que acompanhada de tristeza e dor, vista de outro sentido, aos que não tem esperanças de recuperação, o “fim” significa descanso, afirma o livro. O morro é belo, mesmo em dias tristes de neblina ou nos dias em que carrega adornos de um céu azulado.

Conclui-se daí que o cessar completo das funções vitais deve proporcionar um alívio singular à força motriz que o dirige, o qual talvez tenha participação na expressão de doce satisfação no semblante da maioria dos mortos. De um modo geral, o instante de passagem da vida para o mundo metafísico é comparável ao acordar de um sono pesado, cheio de visões e pesadelos (SCHOPENHAUER, 2011, p. 30).

Diante de tais argumentos, o personagem explica ao filho sobre a grande extensão do mundo, e suas ambições de conquistas, entretanto, quando é observado o fim da passagem terrestre do mesmo, fica visível a verdadeira importância das pequenas coisas e o valor sentimental das pessoas à sua volta.

[...] essas criaturas efêmeras a tantas canseiras se entreguem para conquistar um lugar que tão pouco as elevará e que por tão pouco tempo conservarão.

Daí se segue que a importância dada aos bens terrenos está sempre em razão inversa da fé na vida futura. (KARDEC, 2004, p. 78)

As comparações feitas ao decorrer da leitura são uma evidência da tentativa do autor de amenizar a dor sentida pelo personagem no processo de luto, tal como, os diversos preceitos ligados a ele. Nesse sentido, é descrito por Jesus de Aquino Jayme, urubus e sua organização estratégica para conseguir alimento. Relacionar com tal animal, é uma tentativa de desmistificar o fim da vida, visto que é uma ave popular pelas pessoas, devido ao seu hábito alimentar, desse modo, por questões de sobrevivência realiza a limpeza necessária na natureza.

Ao longo do conto, Jayme expõe lembranças que podem ser dele e de qualquer um de nós, momentos únicos vividos por todos. No conselho sábio da mãe, para que o filho leia bastante, estude e siga o belo exemplo do pai, que criou uma biblioteca em casa, e que leu todos os livros da coleção. “Seu pai gostava muito de ler. Todos aqueles livros que você conhece, lá na estante, ele já leu. Eu só li a metade. Quando você crescer, vai ler todos eles e muito mais”(JAYME, 1999, p. 81).

É importante mencionar que na visão do menino, observa-se que os adultos são intensamente planejadores, entretanto, péssimos em executar tais planos, desse modo o personagem representado pela criança, sente frustração e o desejo dos adultos de voltar ao ponto de partida, ou seja, retornar a infância.

“Porque será que as gentes grandes só vivem falando nessa história de quando crescerem, de quando ficarem velhas? Garanto que, quando crescem, acabam não fazendo nada do que pensavam que iam fazer, acabam achando que era bem melhor terem ficado crianças para sempre. Isso o menino achava, pois não ficam todas arrependidas, só falando agora de quando eram meninos, como se estivessem com saudades desse tempo?” (JAYME, 1999, p. 81).

Os pais pensam na atual fase vivida pela família, a doença, o possível luto, ambos se manifestam de modos diferentes. Por um lado, a mãe busca ser o mais racional possível, visto que ela sabe sobre a passagem do pai para o mundo metafísico.

Ah, o pai teria de contar também uma história para ele, ah, teria! O senhor conta, papai? Conto sim, meu filho![...] é só papai sarar, ficar bom e forte. Mas ainda vai levar muito tempo para ele sarar? Vai sim, meu benzinho! Informou a mãe (JAYME, 1999, p. 81).

Na visão paternal, o pai em diversas vezes, faz tentativas para que o se acostume ao luto e com os efeitos advindos de sua passagem na família. Quando o pai diz “hoje

eu sou”, percebe-se a indesejável capacidade de compreender o fim da vida e aceitá-la, deixando de lutar pelo mesmo.

A ideia clara e precisa que se faz da vida futura proporciona inabalável fé no porvir, fé que acarreta enormes consequências sobre a moralização dos homens, porque muda completamente *o ponto de vista sob o qual encaram eles a vida terrena*. [...] sabendo temporária e não definitiva a sua estada no lugar onde se encontra, menos atenção presta às preocupações da vida, resultando-lhe daí uma calma de espírito que tira àquela muito do seu amargor (KARDEC, 2004, p. 72).

Vale ressaltar que, algumas comparações feitas pelo pai não eram entendidas pelo filho, visto que, o menino tinha apenas 5 anos, entretanto, seu coração pressentia a dor, a tristeza brotava em seu coração inocente e ele não sabia dizer a razão para isso.

O autor desvia-se do assunto metafísico e nuance escura, relacionando-se com a leveza das asas de passarinho, em simultâneo com o pensamento de uma criança. Portanto, percebe-se que o personagem representado pelo menino, tem consciência do atual contexto, entretanto, sua maturidade mental permite pequenos egoísmos, atitude comparada pelo autor como a posse de um passarinho. “Por que ninguém se lembrará ainda de pegar um para ele? Decerto por causa da doença do pai. Todo mundo só ficava preocupado com ele, sem ter tempo para mais nada” (JAYME, 1999, p. 82).

Além da nuance de claro e escuro, há também a oposição entre distâncias, momento em o morro está tão próximo, que parece estar dentro do curral, questões da vida caminham juntas, ao redor do menino. Ele não sabe explicar, mas percebe que eventos estranhos estão ocorrendo à sua volta: “Quando viu, o morro estava tão perto, que dava a impressão de estar dentro do curral. Como poderia ter acontecido aquilo? Uma coisa que não anda sair do lugar? Ah, não podia!” (JAYME, 1999, p. 82-83).

É importante mencionar que a proximidade do morro tem relação com a curta distância do mundo metafísico, ou seja, o encontro do pai e do filho e um plano não material. Pode ser considerado o espaço universal, que é infinito, não existe o vazio, pois há sempre ocupação, mesmo que seja por matéria desconhecida aos nossos sentidos.

O morro possibilitou acontecimentos extraordinários para ambos, a promessa do pai e o desejo do menino. Dentro do atual contexto, mostrar ao filho que ele sofria por sua imobilidade e doença, assim como, sua ausência paterna. Percebe-se que a intensidade da relação entre os personagens tornou possível, o pai com a alegria de

poder cumprir a promessa feita ao filho, tal como, sentir o calor do abraço e sua plenitude.

Vinha tão alegre, nada daquela tristeza tão difícil de a gente olhar. O menino piscava de admiração, um calor estranho queimava seus olhos, o corpo parecia que não estava no chão. O senhor sarou, papai, o senhor sarou? Foi só o que ele perguntou, sentindo uma vontade louca de abraçar aquelas pernas que agora faziam o pai ter no rosto uma expressão tão feliz (JAYME, 1999, p.83).

A presença metafísica do pai é consequência do pacto firmado com a criança, sendo possível através da lembrança do personagem representado pelo menino. Tal passagem na obra representa uma enorme felicidade do garoto. “Há quanto tempo que ele não ria? Desejou rir até estremecer o peito, até sentir o gosto de sangue e que lhe doesse os ossos” (JAYME, 1999, p.84).

A capacidade da criança estar em contato com o mundo imaterial, permitir para a história, que o mesmo enxergue a condição do pai e atue como facilitador do processo do luto. É imprescindível evidenciar no presente trabalho, o desejo do pai e suas tentativas de explicar ao garoto os aspectos positivos do mundo e da vida que o rodeia, tal como, a desnecessidade do medo.

[...] Quando estivermos lá em cima do morro, você vai acreditar, não vai? De lá você vai poder contemplar a grandeza do mundo. [...] Durante o caminho, o pai conversava tanto, falava tantas coisas que o menino não entendia. [...] Vamos parar aqui um pouquinho, ele falou, para você escutar o barulho do mundo. [...] O tempo fica parado, a gente pode escutar o silêncio dele. Neste instante ninguém sente mais medo do mundo imaterial, porque o tempo vira a nossa verdadeira e única casa, [...] Nessa nova morada passamos a residir sem nunca mais sentirmos dor ou sofrimento. [...] O mundo não tinha fim. O homem também não (JAYME,1999,p. 83-84).

O personagem principal, vive momentos de alegria ao lado do pai, especiais, que serão guardados em sua memória. O garoto, ao olhar para seu passado, em sentido ao morro para sua casa, em perspectiva contrária a tudo que estava acostumado, foi devolvido à realidade, ou seja, a transformação de sonhos e pensamentos, entretanto, a realidade estava sempre presente. Desse modo, o menino simbolizou o morro como forma de ver seu pai e como auxiliou em seu processo de recuperação emocional.

A partir daí, o menino por meio de suas memórias, relembra a aparência do pai, tal como, seu cheiro, e materializa seu pai pela última vez. Quando o pai diz: “Hoje eu sou!”, nesse momento ele tem a certeza de sua existência, como também sua relação

com a plenitude. Vale destacar, que o “partir”, é decisão que não depende do personagem, e sim algo que se faz presente na natureza de todo ser vivo, com isso, o pai deixa para o filho a certeza que estará sempre ao lado do garoto, entretanto, em diferentes contextos.

A claridade evidencia o alvoroço que todos viviam, visto que o fim de sua passagem terrestre havia terminado, desse modo, o pai ciente do contexto, tranquiliza o garoto, mostrando-lhe e oferecendo instruções para chegar à casa e ir encontrá-lo na cama uma última vez. Posteriormente, o pai e filho passeavam e brincavam juntos, visto que seu amor paternal caminharia com o menino em sua vida afora.

A criança indo para casa percebe todo o rebuliço e logo encontra a mãe, apavorada, devido ao desaparecimento do filho, e o medo de perdê-lo, assim como o marido. Ao anunciar ao menino a perda do pai, a mãe o faz de maneira rude, talvez em função da masculinização sofrida por ela, espalhando o modo de como iria conduzir a situação.

Encontrar o pai na presente situação, devolve ao menino a realidade. Aos cinco anos, o menino já sabe contar o quão difícil é sentir saudades de alguém próximo a sua realidade.

[...] Lembre-se de que o papai está feliz, foi para o céu. [...] O menino via seus tios e tias chorando. Ficou a um canto do quarto, perto da cama, daquela cama do pai que estava com as mesmas feições de antigamente, [...] Mas esse modo triste de olhar, agora, não era só dele. Todos sentiam a mesma coisa, [...] Lá fora, porém, a escuridão tomava conta de tudo. Mas o menino até achou bom. Se ele fosse capaz de enxergar o morro, àquela hora, não ia aguentar e, com toda a certeza, começaria a chorar, do tanto de saudade que estava já sentindo do pai (JAYME, 1999, p. 86).

Portanto, é essencial destacar, que o menino percebeu a atual fase de seu pai, entretanto, os dois juntos ultrapassaram as barreiras materiais. Com isso, o morro teria um novo significado, sendo a prova constante da promessa cumprida pelo pai, tal como, lembranças que o garoto tinha, afinal, eles estavam juntos, como pai e filho.

4. CONCLUSÃO

Portanto, o presente trabalho foi imprescindível para a formação acadêmica e profissional do discente. Com isso é importante destacar, que o trabalho teve como objetivo central o incentivo de questionamentos dos alunos sobre o tema de luto e seus impactos em suas vidas, de modo, a explicar e esclarecer possíveis dúvidas, tal como, ajudá-los a superar certos conflitos. É observado, ao decorrer da aplicação didática literária, que o presente assunto é pouco trabalhado em termos familiares, sendo assim, evidencia o fato da imaturidade dos alunos ao lidar com certas temáticas. Com isso, o texto trabalhado em sala de aula, auxiliou em dois aspectos, relacionado com o entendimento das características literárias do gênero conto e o esclarecimento sobre possíveis questionamentos que circundam sobre a presente temática.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, Carmo. Prefácio de “A viagem das chuvas e outros contos”. In: SILVA, Vera Maria Tietzmann; TURCHI, Maria Zaira (Org). Antologia do Conto Goiano II: O conto contemporâneo. 2º ed..Goiânia: Editora de UFG, 1994.

COSSON, Rildo. Letramento literário: educação para a vida. Vida e Educação, Fortaleza, v. 10, p. 14-16, 2006a.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006b.

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Alfredo (1999). Machado de Assis – o enigma do olhar. São Paulo: Ática

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 12. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1989.

JAYME, Jesus de Aquino. A Viagem das Chuvas e Outros Contos. 2º ed. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

JORGE, Miguel. Literatura infanto-juvenil: como se fosse um depoimento. Goiânia. UFG. CADERNOS DE LETRAS, série Literatura Infantil e Juvenil, n.6, 1990, p.31-35.

KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida. 124 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

Oxford Languages and Google - Portuguese | Oxford Languages. 2023. Disponível em: <<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>>.

SCHOPENHAUER, Arthur. Da Morte- Metafísica do Amor- Do Sofrimento do Mundo. 7º ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.